



TEOLOGIA
EM REVISTA

Hans Jonas e o Princípio Responsabilidade: Fundamentos para uma Ética Filosófica Ambiental

Douglas Scarp Carvalho

HANS JONAS E O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE: FUNDAMENTOS PARA UMA ÉTICA FILOSÓFICA AMBIENTAL

Douglas Scarp Carvalho ¹

RESUMO

O Presente trabalho analisa a ética ambiental com base no pensamento do filósofo Hans Jonas, especificamente em sua obra “O Princípio Responsabilidade”, frente as urgências que se manifestam na contemporaneidade. Diante do acentuado caos ecológico proposto pela ação irresponsável dos humanos, refletindo em destruição dos biomas, poluição dos rios e oceanos, uso impensável de agrotóxicos no solo, desperdício de alimentos. Esta pesquisa indica que a ética clássica, centrada apenas no “aqui e agora” não mais é suficiente. Jonas desafia esse modelo, propondo uma ética que reflete o presente e toca o futuro, ao considerar os impactos das ações humanas sobre as próximas gerações e sobre a vida não humana. A ética jonasiana, alinha-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), particularmente àqueles que abordam a produção e o consumo responsáveis, saúde pública, sustentabilidade nas áreas urbanizadas e a justiça social para com a permanência das vidas no planeta. Edgar Morin propõe que a identidade planetária intensifica a urgência para o estabelecimento de laços éticos com a terra, o lar compartilhado dos seres humanos e não humanos. Desse modo, a ética da responsabilidade proposta por ele como uma alternativa viável às tecnologias desenfreadas, sugerindo uma nova forma de se relacionar com a natureza planetária, marcada pelo cuidado, pela empatia e muita prudência. Esta pesquisa contribuirá para a reflexão crítica e filosófica da ética ambiental frente aos desafios do século XXI.

Palavras-chave: Ética ambiental; Hans Jonas; Responsabilidade; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT

This paper analyzes environmental ethics based on the thought of the philosopher Hans Jonas, specifically his work “The Principle of Responsibility,” in the face of the urgent issues manifesting in contemporary times. Given the pronounced ecological chaos caused by irresponsible human actions, reflected in the destruction of biomes, pollution of rivers and oceans, the unthinkable use of pesticides in the soil, and food waste, this research indicates that classical ethics, centered only on the “here

¹ Professor de Teologia na FAESP. Mestrando em Ciências da Religião pela UMESP, Especialista em Teologia Bíblica pela FAESP, pós-graduado em Gestão de Bibliotecas Públicas pela UNYLEYA e bacharel em Teologia pela FACETEN. Licenciado em Filosofia e Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela UNIDOMBOSCO.

and now,” is no longer sufficient. Jonas challenges this model, proposing an ethics that reflects the present and touches the future, considering the impacts of human actions on future generations and on non-human life. Jonas’s ethics aligns with the Sustainable Development Goals (SDGs), particularly those addressing responsible production and consumption, public health, sustainability in urban areas, and social justice for the continued existence of life on the planet. Edgar Morin proposes that planetary identity intensifies the urgency for establishing ethical ties with the Earth, the shared home of human and non-human beings. Thus, the ethics of responsibility proposed here is a viable alternative to rampant technological advancements, suggesting a new way of relating to planetary nature, marked by care, empathy, and great prudence. This research will contribute to the critical and philosophical reflection on environmental ethics in the face of the challenges of the 21st century.

Keywords: Environmental ethics; Hans Jonas; Responsibility; Sustainable Development Goals.

INTRODUÇÃO

O século XXI se deparou com um problema estrutural impossível de ser ignorado: a capacidade técnica e industrial que possibilitou o ser humano ampliar seu domínio, tornando-se habilitado em ameaçar a sua própria existência. O avanço de tecnologias, resultando pelo avanço da ciência, ampliou e possibilitou ao humano um alcance planetário de logo prazo. Porém, com grandes poderes, sobrevém grandes responsabilidades, e esse poder advindo de noção de domínio veio acompanhado de um risco iminente: a possibilidade real de destruição irreversível de ecossistemas, vazamentos de petróleo no meio ambiente, resíduos tóxicos nos solos e nos mares, secas, incêndios, terremotos, desmatamentos, guerras etc, que impossibilitam a vida humana e não humana de progredir no planeta terra.

A atual situação climática mundial releva uma profunda intensificação de eventos climáticos. Por meio da 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente², alguns dados alarmantes foram discutidos e um dos principais assuntos, apontou para o ano de 2023, como o mais quente da história da humanidade, onde o aumento da temperatura do planeta foi percebido de norte a sul através de ondas de calor secas e muitas inundações. Os resultados desses cataclismas podem ser observados por meio das escolhas humanas que envolvem maus hábitos de consumo.

2 MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA. 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/5a-conferencia-nacional-do-meio-ambiente>. Acesso em: 1 nov. 2025.

O jornalista Claudio Ângelo (2024), em seu livro: O Silêncio da Motosserra, traz dados alarmantes sobre o desmatamento da Floresta Amazônica: “Cerca de 768 mil km ou um quinto do bioma foram desmatados”. Em área, considera-se o segundo grande ecossistema natural mais rapidamente devastado da história da humanidade, perdendo apenas para o Cerrado com seus 2 milhões de km que viraram fumaça. Para o jornalista, o que se levaria aproximadamente cinco séculos para ser destruído na Mata Atlântica, foram destruídos em cinquenta anos, grande parte do bioma da Amazônia.

Além da terra, as águas vêm sofrendo, segundo os dados do WWF-Brasil ³ (2025), com o depósito de aproximadamente 30 mil toneladas de plásticos nos oceanos por dia, é afetado diretamente os ecossistemas e a própria saúde humana. Por meio das queimadas desses mesmos plásticos, aparecem as doenças respiratórias crônicas, uma contaminação no ar que respiramos e muitas instabilidade climática. Essas evidências reforçam que o problema da poluição plástica transcende a esfera ambiental.

Os maiores problemas produzidos pelos países mais desenvolvidos passam pela contaminação dos lençóis freáticos através das produções fabril, além de envenenar o solo por meio de pesticidas e fertilizantes para que a produção não perca o seu ritmo.

Outros problemas de perspectiva geral passam pela quantidade alta de emissões de CO² intensificando cada vez mais o efeito estufa, Edgar Morin comenta:

Envenenando dos microrganismos que efetuam os serviços de limpeza, alterando importantes ciclos vitais; decomposição gradual da camada de ozônio estratosfera, buraco de ozônio na Antártida, excesso de ozônio na troposfera (parte mais baixa da atmosfera) (Morin, 2002, p.21).

Instalou-se uma época em que a responsabilidade humana não se limita mais ao trato com o semelhante, mas se estende ao impacto, positivo ou negativo, que cada ação exerce sobre o ambiente em que se vive. A conduta humana, portanto, não pode ser pensada como isolada: o indivíduo não é uma ilha. Ele está inserido em uma totalidade maior que o constitui, configurando aquilo que Edgar Morin deno-

³ WWF-BRASIL. Só uma maioria ambiciosa poderá assegurar um tratado forte sobre plásticos. Biblioteca Virtual. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/bibliotecavirtual/?92260/WWF-So-uma-maioria-ambiciosa-podera-assegurar-um-tratado-forte-sobre-plasticos>. Acesso em: 7 nov. 2025.

mina “identidade planetária”. Esse reconhecimento implica compreender que todo gesto humano possui alcance ecológico e social, podendo comprometer tanto o equilíbrio do ambiente presente quanto as condições de vida das gerações futuras.

A NECESSIDADE DE UMA IDENTIDADE PLANETÁRIA

O conceito de “identidade planetária” desenvolvido por Edgar Morin e Anne Brigitte Krrn em seu livro Terra-Pátria (1993), parte do pressuposto de que, mesmo sem aparentar, a humanidade se encontra unida através de um destino comum, habitando em uma “casa comum”. Às muitas fronteiras religiosas, econômicas, sociais e políticas embora reais no setor administrativo tornam-se secundárias quando o centro passa a ser os desafios que ameaçam a sobrevivência de todos, tanto em relação aos humanos quanto aos não humanos ameaçando sua sobrevivência através das transformações climáticas, desaparecimento da biosfera, aumento da poluição nos oceanos e os grandes riscos nuclear. Nesse ponto, raciocinar como um cidadão pertencente a terra, é discernir a dependência desse equilíbrio. Edgar Morin Comenta:

Todos os humanos partilham o destino da perdição. Todos os humanos vivem no jardim comum à vida, habitam à casa comum à humanidade. Todos os humanos são arrastados na aventura comum da era planetária. Todos os humanos estão ameaçados pela morte nuclear e a morte ecológica. Todos os humanos sofrem a situação agônica da transição do milênio (Morin, 2003, P.178).

Não se pode considerar a terra apenas como um espaço físico e particular, mas uma casa compartilhada, um lar onde toda humanidade é bem-vinda. Essa concepção deve gerar no humano uma ética responsável da vinculação. Essa consciência fomenta a reflexão de como o humano deve se relacionar com os recursos naturais disponíveis, com as outras culturas e com o futuro do planeta.

A identidade planetária de Edgar Morin, amplia o espírito da responsabilidade, onde o “nós” não está limitado apenas ao círculo nacional, ele passa a considerar como parte da família, todo o ecossistema presente. Morin expressa esse pensamento ao afirmar que: “A era planetária começa com a descoberta de que a terra não é senão um planeta e com a entrada em comunicação das diversas partes desse planeta” (Morin; Kern, 2003, p. 21). Essa constatação é apelativa a um chamado ético, o de pertencer a terra como seres orgânicos reconhecendo a importância e contribuição de cada parte.

Isto posto, a identidade planetária é um convite à superação de perspectivas fracionadas e ideológicas que priorizam apenas os interesses de um público específico, em detrimento do bem comum. Essa cosmovisão é relevante diante da crise ecológica atual, pois ela evidencia que qualquer degradação ambiental em qualquer ponto do planeta terra repercutirá, de forma direta ou indireta a toda comunidade planetária presente e futura. Essa visão que considera toda a responsabilidade ética não se trata de preservar apenas o espaço imediato, mas de preservar a biosfera como condições fundamentais para as futuras gerações.

POR QUE UMA ÉTICA PARA O FUTURO DA TERRA?

O ser humano está inseparavelmente conectado com a terra. Ele encontra-se sobre ela, circundado por ela e em última instância, abrigado em seu interior. Os alimentos que os nutrem são produzidos por ela e depositado em seu interior. Não é possível escapar dessa relação, pois, tudo o que o compõe tanto exterior quanto interiormente, tem origem na terra ainda que ele não reflita sobre esse fato diariamente. “Nosso planeta não é apenas o ambiente em que vivemos. Nós somos a terra e estamos sempre carregando-a dentro de nós” (Hanh, 2025, p.8).

Diante da averiguação apresentada, torna-se indiscutível o valor da terra para a nossa e futuras gerações, que dela, igualmente dependerão. Essa compreensão impõe a necessidade de trilhar um novo caminho, pautado pela ética do cuidado constante — se de fato almejamos a futura sobrevivência e, por consequência, a própria permanência sobre o solo, é necessário agir. Caso a terra seja vista meramente como um palco para a existência, o antropocentrismo inevitavelmente emergirá, reduzindo-a, à fútil e destruidora pergunta: “o que a terra pode produzir para nós?”

Se o humano almeja cuidar de sua “casa comum”, é imperativo dar um passo além das ações pontuais, como a simples utilização de produtos recicláveis ou o financiamento de grupos ambientalistas. Essa ação terá de resultar em uma transformação profunda, em todo o seu relacionamento com a terra. Para Leonardo Boff, cuidar:

“[...] pressupõe uma relação amigável e amorosa para com a realidade da mão estendida para a solidariedade, e não do punho cerrado para a dominação. A ética do cuidado é outro nome para a ética do amor; pois tudo o que amamos também cuidamos, e tudo o que cuidamos também amamos. No centro do cuidado está a vida amada e cuidada (Boff, 2025, p. 80).

Diante dessa realidade, surge a urgência imperativa para a restauração da relação entre a humanidade e a terra, uma vez que, esta se encontra gravemente ameaçada por uma sociedade marcada pela ganância capitalista, pelo orgulho e pela violência, que impõe um jugo avassalador não apenas sobre seus próprios corpos, mas também sobre o planeta como um todo. As ameaças à vida humana e a integridade do planeta são inúmeras. Entre elas, distinguem-se a catástrofe ecológica que se manifesta por meio do aquecimento global, da escassez de água potável e a carência generalizada de uma ética de sensibilidade associada ao meio ambiente e a própria vida no planeta terra.

Adentramos, de acordo com diversos cientistas, em uma nova era geológica a do “Antropoceno” Boff (2025). Nela, a atividade humana se faz responsável pela destruição das bases que sustentam a vida. Alguns diferentes centros científicos que sistematicamente acompanham a terra atestam que de ano em ano, os principais itens que perpetuam a vida – água, solos, ar puro, fertilidade, climas e outros, estão anualmente se deteriorando. Quando isso chegará ao fim? Há possibilidade de salvação da terra? Como ou o que se pode fazer?

Como alternativa a esse impasse, emerge uma urgente convocação para uma reconfiguração relacional entre a humanidade e a natureza – ou, nas palavras de Bauman (2017), “engrossaremos o cortejo daqueles que rumam na direção de sua própria sepultura”. Não restam alternativas senão a transformação entre humano e terra. É nesse contexto que surge o “Princípio responsabilidade” marcado pelo afeto, pela empatia e pela compaixão, os quais, só assim é possível superar o desespero tecnocêntrico que caracteriza a modernidade líquida.

HANS JONAS

Nascido em uma família de classe média em Mönchengladbach na Alemanha, por volta de 1903, Hans Jonas foi criado em uma família judaica de classe média. Deve grande parte de sua magnífica formação humanística às leituras dos profetas, especificamente da Bíblia Hebraica. Sua formação filosófica teve início quando ainda muito jovem, frequentava a Universidade de Freiburg, com um mestre que se tornaria uma referência mundial, mas que naquele momento era apenas o professor Martin Heidegger. Um outro episódio marcante na vida do ávido estudante Jonas, foi em 1924 quando conhece Rudolf Bultmann, e sob a orientação do mesmo elabora uma tese sobre o conceito de “gnose” no cristianismo primitivo, que é apresentado em 1931 e posteriormente publicado. Após esta publicação, Jonas produz outras obras que tem marcado a vida das pessoas de uma forma positiva. Uma das obras publicado por Hans Jonas, que servirá como referência para esse artigo,

foi publicada em 1979 e traduzida para o inglês apenas no ano de 1984, cujo nome chegou a nós com o título: O princípio responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.

Nesta obra, Jonas fornece ao pensamento e ao comportamento humano uma nova abordagem sobre ética. Para o autor, a ética que fazia parte de seu mundo, era conhecida como tradicional, visando apenas o momento e, para o autor, fundamentava-se nos limites do ser humano, não servindo como subjetivismo, mas sim, como ele mesmo diz: “Age de tal maneira que o princípio de tua ação se transforme em uma lei universal” (Jonas, 2006, p. 47). Jonas observa que nenhuma ética anteriormente sugeria considerar as ações globais da vida humana e do futuro na terra resultando na permanência das espécies. A ética de responsabilidade jonsiana, exige um olhar cauteloso para as ações humanas gerando direitos e deveres, o que nenhuma ética e metafísica antiga pôde oferecer através de seus princípios e suas doutrinas. Jonas convida à reflexão de considerar o bem humano e também o bem das coisas não-humanas, incluindo o cuidado de fiéis depositários.

DA ÉTICA TRADICIONAL PARA A ÉTICA DA CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA: A RUPTURA PROPOSTA POR HANS JONES

Por muitos séculos, a ética tradicional empenhou-se em tratar de questões relativas às ações vigentes, relacionando-se com pessoas de seu tempo e situações cotidianamente imediatas. O significado dessa ética dizia respeito aos relacionamentos humanos, considerando a “ética tradicional antropocêntrica” (Jonas, 2006, p.35). Esta ética basicamente significa o comportamento correto resultando em critérios imediato cercado por consequência.

A ética em Aristóteles ⁴ estava relacionada ao cultivo de boas virtudes para um viver tranquilo, enquanto Kant ⁵, insistia em agir orientado pelo dever resultando dignidade para com a humanidade ao redor. Eram pensamentos que partiam de um mundo estável, limitando as consequências das ações ao presente e ao espaço do tempo.

4 Aristóteles (Estagira, c. 384-322 a.C.) foi filósofo grego, discípulo de Platão na Academia de Atenas e tutor de Alexandre, o Grande, fundador do Liceu em Atenas e autor de vasta obra que abrange lógica, metafísica, ética, política e ciências naturais. Sua filosofia marcou profundamente o pensamento ocidental. CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

5 Immanuel Kant (1724-1804) foi filósofo prussiano, figura central da filosofia moderna, responsável por obras como *Crítica da Razão Pura*, que redefiniram os limites e as condições do conhecimento humano, da moral e da autonomia da razão. CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

Ao debruçar sobre a ética tradicional, Aristóteles parte do ponto humano e o que diz respeito a ele e conclui que a ética se relaciona com a questão da felicidade (*eudaimonia*). Segundo o filósofo essa ética se estabelece no exercício das virtudes morais constituindo o caráter e dirigindo todas ações à luz da prudência e da justiça, buscando assim o bem viver oriundo do costume virtuoso. Segundo Paixão:

[...] o bem procurado por Aristóteles é por ele chamado, não simplesmente to agathós (o bom), mas to áriston, o (melhor). Uma sociedade aristocrática é uma sociedade dos melhores, e a Arete (a virtude) pertence fundamentalmente aos aristoí, aos “homens melhores” ou “homens virtuosos”. Ser um “homem melhor” ou “homem virtuoso” (aristós) é realizar em si o que há de mais excelso no homem” (Paixão, 2002, p.58).

Para o filósofo Aristóteles o resultado da ética resulta no desenvolvimento do caráter com seu resultado na prática, equilíbrio e prudência em relação a circunstâncias concretas.

Para o filósofo Immanuel Kant, ética é o agir por meio do dever, guiado por princípios intrinsecamente universais. O centro de sua proposta é o *imperativo categórico*⁶, onde há possibilidades de reflexão antes mesmo do agir. Se a resposta à pergunta que antecede a ação resultasse em caos ou contradição, então a ação não deveria ser moralmente aceita. Essa exigência não vem ao indivíduo por meio de proposição exterior, mas, através da razão pura e prática de cada ser humano.

Hans Jonas, em *O Princípio Responsabilidade* (2006), percebeu que a era tecnológica exige uma mudança de paradigma ético. Seu célebre imperativo — “Aja de tal modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica na Terra” (Jonas, 2006, p.47) — introduz a necessidade de considerar, de forma inegociável, as consequências de longo prazo das nossas decisões. Jonas desloca o centro da ética do presente imediato para o futuro distante, incorporando à esfera moral aqueles que ainda não nasceram e a totalidade da comunidade biótica. Ao fazer isso, rompe com a ética antropocêntrica estreita e se aproxima de uma visão mais ecocêntrica⁷, onde a própria Terra passa a ser objeto de responsabilidade moral.

6 O imperativo categórico é, portanto só um único, que é este: Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.

7 O ecocentrismo reformula o lugar do ser humano no conjunto dos seres naturais, afirmando que este não ocupa posição hierárquica superior. Em vez disso, reconhece-se que a espécie humana é apenas uma dentre muitas dentro do gênero “ser natural”. Assim, ao substituir a noção de supremacia humana típica do antropocentrismo, promove-se um equilíbrio ético no qual todas as espécies têm valor intrínseco e uma função no ecossistema, merecendo manutenção e respeito — não apenas sob a lógica do lucro desmedido. POMPEU, Gina Vidal Marcilio; SOUZA, Antônio Felipe Pereira de. *O ecocentrismo e a superação do paradigma antropocêntrico*. *Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana*, Curitiba, v. 22, n. 7, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5725/3663>. Acesso em: 7 nov. 2025.

OS IMPERATIVOS DE UMA ÉTICA RESPONSÁVEL

Desde a modernidade, o pensamento ético tem procurado consolidação por meio das ações humanas. Immanuel Kant, ao elaborar o imperativo categórico, formulou uma máxima que teve um grande impacto na filosofia moral: “Aja de modo que a máxima da tua ação possa valer como lei universal” (Kant, Apud Jonas, 2006, p. 47). Diante dessa definição, a ética emerge como um exercício prático da razão, sendo conduzido por uma universalidade e pela dignidade do indivíduo autônomo. Contudo, a realidade em que vivemos, caracterizada pelo avanço exponencial da tecnologia resultando em crises ambientais e pela crescente independência global, geram novos e importantes desafios para uma reflexão banhada com ética.

Hans Jonas, propõe uma revisão do imperativo moral refletido por Immanuel Kant que estava concentrado na universalidade das máximas. Jonas desloca o foco para um olhar atento às consequências não apenas do presente, mas também futuras especialmente no que se refere a preservação da vida e a responsabilidade em relação às gerações vindouras. Os imperativos de Jonas podem ser expressados de forma positiva ou negativamente:

“Aja de modo a que os efeitos da tua ação seja compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra; ou, expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos de tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida; ou, simplesmente: Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra; ou em um uso novamente positivo: Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (Jonas, 2006, p. 47,48).

Essa mudança de perspectiva filosófica, passando do imperativo da universalidade de Kant projetada apenas no presente através de uma lógica do aqui e agora, para o imperativo da responsabilidade de Jonas, onde não basta olhar e pensar em uma regra presente, mas também como nossas ações do presente podem afetar o futuro, agindo de forma que as atividades pessoais ou até mesmo corporativas não destruam a possibilidade de vida humana terrena, permite uma reflexão mais abrangente sobre a ética em um período de crise socioambiental e de mudanças tecnológicas⁸. Além de garantir uma coerência lógica e ação moral, é indispen-

⁸ O termo tecnociência, conforme Hugh Lacey, refere-se à relação indissociável entre ciência e tecnologia, na qual a ciência perde seu status de busca pela verdade e passa a ser determinada por fins econômicos. Essa inversão (Bensaude-Vincent) marca a pós-modernidade, onde os valores científicos se voltam à técnica e ao capital, em vez do saber (modernidade). PRESTES, Laura Menestrino; ZATTI, Vicente. A tecnociência e seus impactos. In: SALÃO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO IFRS CAMPUS CANOAS (ENPEX), 6., 2016, Canoas. Resumos [...]. Canoas: IFRS, 2016. Disponível em: <https://enpex.canoas.ifrs.edu.br/enpex/article/view/266>.

sável levar em conta as consequências das escolhas humanas tanto para o futuro coletivo da humanidade quanto para a preservação da Terra como nosso lar comum. Dessa forma, a ética presente em Jonas, é um convite à reflexão que resultam em princípios, integrando não só a dimensão do presente, mas também a do futuro que ainda não chegou, porém do qual já somos responsáveis.

HANS JONAS E OS DESAFIOS DA ÉTICA PARA O PRESENTE

As ideias propostas pelo filósofo Hans Jonas não são apenas reflexões ou teoria filosóficas, mas geram implicações práticas que influenciam ações em várias esferas da vida. Seu princípio de responsabilidade leva-nos a considerar a ampliação das ações humanas, principalmente em um cenário caracterizado por uma das piores crises ambientais enfrentadas. Essa ética está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) ⁹ da ONU, firmado até 2030, que visam unir justiça social, harmonia ambiental e responsabilidade coletiva como condição para a continuidade da vida humana e não humana.

A ética de Jonas, no que se refere a sustentabilidade do Meio Ambiente, destaca-se a necessidade real de enfrentar crises como o alto nível de aquecimento do planeta o acelerado desmatamento, além da poluição das águas. Com esta reflexão na mente, é evidente que tanto as políticas públicas, quanto as práticas cotidianas devem ser orientadas pelo compromisso de preservar e manter o equilíbrio ecológico do planeta. Nesse contexto, a ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis) surge nesse cenário como um convite a reflexão e ação nos meios de produção e consumo, para que as escolhas feitas hoje, não afetem a vida futura do planeta.

As diretrizes apresentadas pela ODS 12, evidenciam que a responsabilidade ética deve atuar em diversos níveis, desde a gestão sustentável até o uso eficiente dos recursos naturais, com o fim de minimizar a geração de resíduos. É fundamental o engajamento na prevenção e, principalmente, com a reciclagem dos materiais que, quando descartados no solo podem causar danos irreparáveis. Diante desse fato, Jonas surge com sua ética da responsabilidade ressaltando: “Aja de modo a que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra.” (Jonas, 2006, p. 47). Assim sendo, Jonas demonstra a importância de medidas de prevenção e escolhas conscientes que determinarão o futuro da vida no planeta Terra.

⁹ Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são definidos pelas Nações Unidas como um apelo global à ação, composto por 17 objetivos interconectados, que visam acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, e assegurar paz e prosperidade. A ONU e seus parceiros atuam no Brasil para implementar estas metas no contexto da Agenda 2030. Cf. NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 31 out. 2025.

Outro importante ponto é o combate ao desperdício de alimentos (ODS meta 12.3), envolvendo os hábitos de consumo e cadeias produtivas. Estima-se que aproximadamente um trilhão de dólares em alimentos são desperdiçados anualmente. Resultando assim em aproximadamente de 8% a 10% das emissões globais do efeito estufa, além desse descarte ocupar o equivalente de quase 30% das terras agrícolas no mundo (Programa das nações unidas para o meio ambiente, 2024).

Segundo relatório da FAO ¹⁰, cerca de 30% de todos os alimentos produzidos mundialmente são perdidos ou desperdiçados por ano — aproximadamente 1,3 bilhão de toneladas, sendo 77 milhões só na América Latina. No Brasil, as perdas no varejo chegam a 2%, especialmente no setor de produtos perecíveis como FLVs, carnes e laticínios (Brasil, 2021).

Não somente o meio terreno em que vivemos, mas o desperdício de alimento está prejudicando os seres humanos afetados pela fome. Junto a isto, é observável que, milhares de crianças com menos de cinco anos de idade sofrem atrasos no crescimento e desenvolvimento por falta de nutrientes essenciais para suas dietas. A meta do ODS 12.3 estabelece a redução pela metade desse desperdício, forçando até mesmo os projetos políticos como o “Fome zero”. Em 2022, o mundo desperdiçou cerca de 1,05 bilhão de toneladas de alimentos nos setores de varejo, serviços de alimentação e doméstico combinados. “Isso equivale a 132 quilogramas per capita por ano, dos quais 79 quilogramas per capita foram desperdiçados nos domicílios” (Programa das nações unidas para o meio ambiente, 2024).

Diante desse fato, percebe-se que o alarmante desperdício de alimentos não se deve apenas a falhas de gestão econômica, mas sobretudo a um desafio ético para com o meio ambiente. Jonas oferece uma base ética ao equilíbrio sistêmico da cadeia alimentar, refletindo sobre a responsabilidade junto ao desperdício, como questão de justiça ecológica: “Comer e ser comido é o princípio da existência dessa diversidade, à qual devemos obediência.” (Jonas, 2006, p. 230). Portanto, trabalhar contra o desperdício alimentar é, de fato, adotar uma ética responsável e cuidadosa em relação ao meio ambiente. Essas reflexões propostas por Hans Jonas demonstram a gravidade do problema e encaminham a uma ação urgente.

Na saúde coletiva, os dilemas éticos se tornam mais evidentes devido ao uso indiscriminado de agrotóxicos, à vulnerabilidade, pandemias globais e às oportunidades

¹⁰ A FAO — Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (*Food and Agriculture Organization*) — é uma agência especializada da ONU criada em 1945, com o objetivo de promover a segurança alimentar, combater a fome no mundo e promover o uso sustentável dos recursos naturais vinculados à agricultura, pesca e alimentação. Disponível em: <https://www.fao.org/contact-us/en/>
Acesso em: 08/11/2025

criadas pela manipulação genética. A reflexão jonasiana fornece critérios para avaliar a legitimidade e segurança dos avanços científicos, enfatizando que a urgência por resultados imediatos não deve desconsiderar os riscos futuros. Nesse contexto, a prudência está ligada à demanda por cidades e comunidades mais seguras e resilientes, que é o foco principal da ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis). Para Jonas (2006, p. 232), o dever ético contemporâneo surge diante dos perigos criados pela própria ação humana e exige uma moral voltada à preservação e à proteção da vida, em vez de uma ética centrada apenas no progresso e no aperfeiçoamento técnico.

O mesmo se aplica aos campos da tecnologia e biotecnologia, cujos avanços como as inteligências artificiais, clonagem e as alterações genéticas apresentam inéditas fronteiras, gerando novos dilemas éticos para a humanidade. Jonas não é um opositor diante do progresso, mas propõe uma análise cautelosa frente às suas consequências, para que os benefícios dessas novas tecnologias não acarretem danos irreparáveis à vida humana e não humana no meio em que vivem. Assim, a inovação deve ser guiada pela responsabilidade e pelo respeito à integridade da vida, mantendo sempre um diálogo com os princípios da sustentabilidade. Nesse sentido: “O poder e o perigo revelam um dever, o qual, por meio da solidariedade imperativa com o resto do mundo animal, se estende do nosso Ser para o conjunto, independentemente do nosso consentimento” (Jonas, 2006, p. 233).

Por último, no contexto da justiça social e econômica, a responsabilidade implica a urgência de conter a exploração excessiva dos recursos naturais e de combater as disparidades sociais que causam exclusão e dor. A ética de Jonas se alinha à ODS 10 (Redução das Desigualdades), que visa garantir condições mais justas e inclusivas para todos. Uma ética responsável demanda políticas que priorizem o equilíbrio e a equidade, garantindo um acesso justo aos bens coletivos e assegurando que o progresso não ocorra em detrimento da dignidade humana ou da destruição do planeta. Nesse sentido, Jonas (2006, p. 231) sustenta que o poder técnico não pode ser exercido de modo arbitrário, mas deve ser orientado por um dever de cuidado com a totalidade da vida, exigindo que a justiça contemple tanto os humanos quanto a integridade do mundo natural.

Dessa forma, ao incorporar a prudência e a responsabilidade nas esferas ambientais, sanitária, tecnológica e social, Hans Jonas propõe uma perspectiva ética que pode guiar a ação humana diante dos desafios mais presentes do nosso tempo. Sua filosofia indica que a ação ética no presente não pode se limitar ao imediato, mas deve considerar o futuro, garantindo a possibilidade de vida para as gerações que ainda estão por vir.

CONCLUSÃO

A ética proposta pelo filósofo Hans Jonas surge como uma importante reflexão diante das diversas ameaças que se apresentam na contemporaneidade. Sua obra perpassa a ética clássica proposta por Aristóteles e Kant, onde suas preocupações estavam apenas com o imediato. Em Jonas, a ética ganha uma inédita proporção, onde a responsabilidade pelo futuro e pela totalidade da vida na terra, está em evidência requerendo uma ética da práxis.

Frente ao caos que se apresenta, como o super aquecimento da terra, a destruição dos biomas, a poluição nas águas, o desmatamento nas florestas, o desperdício de alimentos e os novos dilemas resultantes da tecnologia, revelam que as ações humanas em relação ao planeta têm consequências que estenderá para as futuras gerações. Dessa forma, Jonas propõe uma ética que necessita de ações pautadas pelo respeito, cuidado e preservação.

A responsabilidade ética proposta, está alinhada ao princípio da precaução e à proteção da vida futura em paralelo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que tratam do consumo consciente, da justiça social e da proteção do meio ambiente. Hans Jonas estabelece uma ética ampliada, relacionando com a tese de Edgar Morin, sobre a identidade planetária, onde a vida humana e não humana é considerada como um elemento capital da responsabilidade da geração humana, presente e ativa no planeta terra.

Isto posto, esta perspectiva não apenas sinaliza quanto aos riscos de uma civilização da tecnologia, mas também sugere uma mudança de perspectiva em que o bem comum e a preservação também se torne pauta para os diálogos que geram ações responsáveis de cuidado. Seu legado filosófico é um convite dialogal para pensar e agir com responsabilidades, tornando essa ética não apenas opcional para o mundo, mas sim, necessidade urgente para o tempo chamado hoje.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: UNB, 1999.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Relatório final: perdas e desperdício de alimentos**. Brasília: . Brasília: MAPA, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/perdas-e-desperdicio-de-alimentos/publicacoes-em-destaque/relatorio-final-perdas-e-desperdicio>. Acesso em: 8 nov. 2025.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

HANH, Thich Nhat. **Carta de amor à terra**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HANSEN, Martin. **Hans Jonas and the Ethics of Responsibility: From Modern Technology to Future Politics**. Cambridge: University Press, 2013.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995.

LEOPOLD, Aldo. **A Sand County Almanac**. Oxford: Oxford University Press, 1949.

NAESS, Arne. **Ecologia, comunidade e estilo de vida**. São Paulo: Pensamento, 1989.

PAIXÃO, Márcio Petrocelli. **O problema da felicidade em Aristóteles**. Rio de Janeiro: Pós-Moderno, 2002.

WHITE JR., Lynn. *The historical roots of our ecological crisis*. **Science**, v. 155, n. 3767, p. 1203–1207, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.155.3767.1203> Acesso em: 8 nov. 2025.

WWF-BRASIL. **Só uma maioria ambiciosa poderá assegurar um tratado forte sobre plásticos**. São Paulo: WWF-Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/bibliotecavirtual/?92260/WWF-So-uma-maioria-ambiciosa-poderá-assegurar-um-tratado-forte-sobre-plasticos>. Acesso em: 8 nov. 2025.



FAESP

FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO